

## **A História das Origens do Departamento de Economia da Universidade de Brasília**

Andrea Cabello<sup>1</sup>, Amanda Ramos<sup>2</sup>, André Santos<sup>3</sup>, Yara Côrrea<sup>4</sup>, Germano Kudiess<sup>5</sup>, Carlos Alberto Belchior<sup>6</sup>, Rafael Alcântara<sup>7</sup>, Pedro Vilela<sup>8</sup>, Elenir Magalhães<sup>9</sup> e Marcelo D. Wilbert<sup>10</sup>.

**Resumo:** O Departamento de Economia da Universidade de Brasília (UnB) passou por algumas intervenções políticas logo após ser criado e foi restabelecido no início na década de 1970, em um projeto liderado por Edmar Bacha. O objetivo desse artigo é fazer um registro da memória de alguns desses participantes de nossa História. Para isso, entrevistamos Professores e Alunos do Departamento no seu período de reestruturação na década de 1970, buscando registrar a memória dos envolvidos e a história dessa instituição.

**Palavras – Chave:** Universidade de Brasília; Departamento de Economia UnB.

### **1. Introdução**

O Departamento de Economia da Universidade de Brasília é um dos mais tradicionais e respeitados centros de estudos em sua área no país. Em 2013, comemorou duas datas significativas: 50 anos de fundação e 40 anos de sua primeira turma de mestrado.

---

<sup>1</sup> Professora Adjunta do Departamento de Economia da UnB – Graduação, Mestrado e Doutorado em Economia na UnB.

<sup>2</sup> Graduanda em Ciências Econômicas na UnB.

<sup>3</sup> Graduando em Ciências Econômicas na UnB.

<sup>4</sup> Graduanda em Ciências Econômicas na UnB.

<sup>5</sup> Graduando em Ciências Econômicas na UnB.

<sup>6</sup> Graduando em Ciências Econômicas na UnB.

<sup>7</sup> Graduando em Ciências Econômicas na UnB.

<sup>8</sup> Graduando em Ciências Econômicas na UnB.

<sup>9</sup> Graduanda em Ciências Econômicas na UnB.

<sup>10</sup> Professor Adjunto do Departamento de Ciências Contábeis e Atuariais da UnB – Doutorado em Economia na UnB.

Motivado por essa data festiva, no dia 4 de novembro de 2013, um evento na Universidade reuniu professores e alunos dos primeiros anos de nossa instituição. O objetivo desse artigo é fazer um registro da memória de alguns desses participantes de nossa História. Trata-se, portanto, de um recorte de relatos que, esperamos fazer jus ao que nos foi contado.

O artigo está dividido em mais cinco seções. A segunda seção discute brevemente o contexto das ciências econômicas na época, enquanto a terceira seção descreve a história da Universidade de Brasília. A quarta seção descreve a metodologia de pesquisa adotada. A quinta seção traz os relatos dos entrevistados enquanto a sexta traz os comentários finais.

## **2. O estabelecimento das Ciências Econômicas no Brasil:**

O primeiro diploma em economia foi concedido em 1905 (Garófalo e Rizzieri, 2007). Quando Gudin (1956) criticou a qualidade do ensino de Economia no Brasil, meio século mais tarde, a situação ainda era vista como pouco formalizada: o decreto que separava a disciplina das outras era relativamente recente (1945) e a maior parte dos economistas era autodidata assim como a maior parte dos cursos eram lecionados por professores de Direito, Filosofia e Engenharia (Simonsen, 1966; Loureiro e Lima, 1994; FGV, 2000).

Até a década de 1950 não havia clareza quanto ao papel dos economistas: o que eles faziam e como a Economia diferiria das outras disciplinas – de forma que seu ensino e prática confundiam-se com Direito, Administração, Contabilidade e outras, de acordo com FGV (2000) e Haddad (1981),

Simonsen (1966), escrevendo na metade da década de 1960, é bem duro em relação ao estado do ensino de Economia no Brasil: havia escolas demais (que ele creditava à formalização do status da disciplina, à facilidade de se montar uma escola de Economia e à duração do curso de apenas quatro anos) e com baixa qualidade (devido à falta de regulação em relação ao que era ensinado nas escolas).

Tais críticas levaram a uma transformação coletiva do campo. Loureiro (1997) menciona o evento ocorrido em Itaipava em 1966, em que um grupo de professores e diretores de escolas de economia se juntaram para discutir a situação da área. Simultaneamente, teria ocorrido um processo de internacionalização na disciplina com a adoção de padrões teóricos e metodológicos usados em países como os Estados Unidos, com a introdução de abordagens mais formais (LOUREIRO e LIMA, 1994).

A reforma universitária de 1968 também é mencionada como um motivo para esse processo de internacionalização, já que levou a uma transição do sistema de cátedras (ligada à garantia da vitaliciedade e de inamovibilidade nos cargo em que o professor tem completa autonomia, diferentemente do departamento onde há um regime de corresponsabilidade) para o sistema de departamentos (LOUREIRO e LIMA, 1994). Os mesmos autores mencionam uma expansão da pós-graduação também.

Esse ultimo fator está relacionado com um grande fluxo de professores que foram patrocinados por agências como a *United States Agency for International Development* (USAID), a Fundação Ford e a Fundação Rockefeller com bolsas para mestrados e doutorados no exterior que buscavam fomentar o ensino e pesquisa na América Latina.

### **3. A Universidade de Brasília:**

Apesar de já ter um espaço previsto no projeto original de Brasília, a UnB foi inaugurada apenas 2 anos depois da fundação da nova capital. O intervalo se deveu pela resistência de autoridades à construção de uma universidade em um local tão próximo ao centro do poder<sup>11</sup>. Em dezembro de 1961 o então presidente João Goulart sancionou a Lei nº 3998, que autoriza o Poder Executivo a instituir a Fundação Universidade de Brasília (FUB), cuja função era criar e manter a Universidade de Brasília, atribuições vigentes até os dias atuais.

---

<sup>11</sup> <http://www.unb.br/unb/historia/resumo.php#topo>

A escolha de Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira para elaborar o anteprojeto da UnB foi de Victor Nunes Leal, chefe da Casa Civil da Presidência à época<sup>12</sup>. A idealização da universidade feita por Ribeiro e Teixeira apontava para uma instituição que teria uma perspectiva acadêmica original.

No Brasil, a UnB foi pioneira na divisão em institutos centrais e faculdades. Para isso, foram criados os cursos-tronco. Neles, os alunos tinham formação básica por 2 anos e, passado esse tempo, tinham à disposição institutos e faculdades para os quais poderiam ir, corroborando a proposta inicial de Darcy e Anísio de que o objetivo era que o aluno da UnB tivesse várias possibilidades de atuação à sua disposição.

Os três primeiros cursos-tronco foram Direito, Administração e Economia, Letras Brasileiras, e Arquitetura e Urbanismo<sup>13</sup>. Hoje, depois de uma longa evolução, a Economia faz parte da FACE, a Faculdade de Administração, Contabilidade e Economia.

O primeiro vestibular da UnB foi realizado entre os dias 25 e 27 fevereiro de 1962 para 830 candidatos. Os 413 aprovados na primeira seleção iniciaram suas aulas no dia 9 de abril do mesmo ano. Com exceção dos estudantes de Arquitetura e Urbanismo, todos os alunos tinham suas aulas no Ministério da Saúde. Os outros sempre tinham aulas no *campus* ainda em construção<sup>14</sup>.

A inauguração da nova universidade aconteceu no dia 21 de abril de 1962, no Auditório Dois Candangos, com a presença dos idealizadores Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira. O plano inovador de ambos, entretanto, sofreu ameaças durante o Regime Militar.

Após a instauração do Regime Militar em 1964, suas atividades sempre foram muito vigiadas e por isso a instituição passou por alguns episódios de invasão<sup>15</sup>. A primeira invasão ocorreu em abril de 1964, quando Anísio Teixeira ainda era reitor – logo após foi demitido e substituído por Zeferino Vaz.

---

<sup>12</sup> [http://www.unb.br/unb/historia/linha\\_do\\_tempo/60/interna\\_60.php](http://www.unb.br/unb/historia/linha_do_tempo/60/interna_60.php)

<sup>13</sup> [http://www.unb.br/unb/historia/linha\\_do\\_tempo/60/interna\\_60.php](http://www.unb.br/unb/historia/linha_do_tempo/60/interna_60.php)

<sup>14</sup> [http://www.unb.br/unb/historia/linha\\_do\\_tempo/60/interna\\_60.php](http://www.unb.br/unb/historia/linha_do_tempo/60/interna_60.php)

<sup>15</sup> Para uma descrição mais detalhada da cronologia das invasões da UnB, acessar: [http://unb.br/sobre/principais\\_capitulos/invasoes](http://unb.br/sobre/principais_capitulos/invasoes)

Em setembro de 1965, os professores entraram em greve por 24 horas devido à demissão de três professores. A escalada da situação levou a uma nova invasão em outubro. Em reação à invasão, 223 dos 305 professores da Universidade se demitiram.

A terceira (e mais violenta) invasão ocorreu em 1968 devido a um protesto de estudantes em que um aluno foi baleado na cabeça.

Depois desse momento, a situação política acalmou-se um pouco e a universidade somente voltou a ser invadida em 1976.

Um personagem importante da história da universidade nessa época foi José Carlos de Azevedo que, desde meados da década de 1960 foi vice-reitor da universidade e, em 1976, tornou-se reitor. Azevedo era da Marinha e era PhD em Física pelo *Massachusetts Institute of Technology* (MIT). Apesar de vice-reitor, Azevedo era visto como o centro de poder da universidade<sup>16</sup>.

#### **4. Metodologia de Pesquisa:**

Ao longo do segundo semestre de 2015 e primeiro semestre de 2016, foram realizadas entrevistas com pessoas que participaram do processo de fundação do Departamento de Economia da Universidade de Brasília, alguns como professores outros como alunos. As entrevistas eram livres, baseadas nas memórias que os entrevistados tinham da época.

O texto a seguir é um recorte dessas entrevistas uma vez que a história contada pelos entrevistados foi bastante similar e consistente.

Os entrevistados e seu respectivo vínculo com o departamento na época foram:

- Edmar Bacha – Professor
- Flávio Versiani – Professor
- Carlito Zanetti – Professor
- Charles Mueller - Professor

---

<sup>16</sup> [http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2014/01/04/interna\\_diversao\\_arte,406267/livro-lembra-bastidores-do-periodo-em-que-a-unb-foi-conduzida-por-militares.shtml](http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2014/01/04/interna_diversao_arte,406267/livro-lembra-bastidores-do-periodo-em-que-a-unb-foi-conduzida-por-militares.shtml)

- José Carlos de Oliveira – Professor
- José Roberto Novaes de Almeida - Professor
- Joaquim Pinto de Andrade - Professor
- Maria de Lourdes Rollemberg Mollo – Aluna
- Renato Baumann – Aluno
- José Mauro de Moraes - Aluno

## **5. A História do Departamento de Economia na Visão dos seus Participantes:**

No final dos anos 1960, o Departamento de Economia ainda fazia parte do Departamento de Ciências Jurídicas e Sociais. O famoso minhocão (o prédio do ICC – Instituto Central de Ciências) ainda estava em obras, de tal forma que, nas primeiras aulas, as salas ainda não tinham cadeiras. A matrícula era um processo estressante, preferência de quem chegasse primeiro na fila, num processo manual.

A universidade ainda não estava recuperada de crise de 1965, em que 200 professores pediram demissão<sup>17</sup>. A UnB era uma universidade nova, com um sistema de departamentos, diferente do então usado sistema de cátedras, em que professores monopolizavam cadeiras ou disciplinas. Em agosto de 1968, nova invasão de tropas federais. “Nas palavras do Professor José Roberto Novaes de Almeida: Eu só cheguei em 1971, mas na verdade o Departamento foi radicalmente mudado por causa das duas crises que a UnB teve, uma logo após o golpe militar, em 1965, em que boa parte dos professores saiu e a segunda que foi em 1968, em que os outros professores saíram e alguns que tinham saído na primeira leva e retornados saíram definitivamente. Então na verdade o Departamento começou, ou recomeçou, em 1971.<sup>18</sup>”

Renato Baumann, aluno do curso de Economia da UnB na graduação desde 1969 e depois aluno do mestrado, relembra o período: “Houve uma manifestação, a reitoria na época era lá em cima onde era os Dois Candangos, onde hoje é a

---

<sup>17</sup> <http://www.unb.br/noticias/unbagencia/unbagencia.php?id=581>

<sup>18</sup> Como será visto adiante, alguns poucos professores do período 1963-1971 permaneceram no Departamento mesmo após 1971.

Faculdade de Educação, na época já era o Azevedo. E uma cena inesquecível sei lá com centenas de pessoas manifestando, o Azevedo olhava e fazia assim [simulando apontar para quem está a sua frente], todo mundo para quem ele apontou pegou 477 que era um decreto lei da época, decreto-lei 477 que impedia você de estudar em universidades públicas. Você era automaticamente desligado da universidade e impedido de estudar em universidade pública.”

A professora Maria de Lourdes Mollo nessa época ainda era aluna do colégio aplicação da universidade, conhecido como Centro Integrado de Ensino Médio (CIEM). Ela também descreveu a cena: “Quando a gente olhava pra UnB, havia nuvens de fumaça, e tinham alguns alunos do CIEM dentro do campus já que usávamos a biblioteca. Para tirar as pessoas daqui do CIEM foi muito complicado, foi preciso até colocar os meninos dentro de ambulâncias e carros que deixavam o Campus. E a gente fazia política contra a ditadura, mesmo jovens. Uma vez eu e uns colegas estávamos distribuindo panfletos para uma passeata contra a ditadura e fomos presos. A Asa Norte era completamente deserta e ficamos a manhã e a tarde toda na delegacia, e isso acontecia muito, as pessoas eram presas, era realmente muito difícil. Os alunos que não tinham família eram os preferidos para serem presos, era uma época muito dura.”

Joaquim Andrade, professor da UnB, também descreve essas dificuldades, nos momentos em que se mudou para Brasília, um pouco mais tarde em 1977, quando protestos contra o Reitor Azevedo ocorriam na Universidade: “Cheguei aqui e a universidade estava ocupada. Eu vim de carro com toda família, papagaio, cachorro e o diabo. Eu vim parando de Porto Alegre para cá, fiquei em Pirassununga um tempo, fiquei em São Paulo e depois em Pirassununga e depois cheguei aqui. Porque a ideia que me passaram é que a universidade estava invadida e que tinha tropa dentro do campus e que não valia a pena chegar ... Bom, mas eu esperei, esperei, esperei ... não tinha mais fazenda que eu pudesse ficar, aí eu vim e fiquei naquele Hotel Brasília Palace. A situação era muito triste, porque chegava aqui no campus, os militares estavam espalhados ao longo do minhocão, e em seguida vinha alguém correndo, gritando, e os policiais atrás correndo, prendiam, era uma situação bem constrangedora.”

Baumann descreve um curso de graduação em evolução, com alta rotatividade de professores por questões de qualidade principalmente quando o departamento não estava completamente estabelecido. Todos eram economistas de formação, entretanto não teriam capacidade didática ou conhecimento. Em sua opinião, isso está ligado às intervenções políticas pelas quais a universidade passara e se estendia a outros departamentos, já que em suas palavras, “muita gente de qualidade se negava a dar aula na UnB, por resistência ideológica mesmo, e com isso você só conseguia contratar gente de baixa qualidade.” Entretanto, ele mesmo observa que a reestruturação do departamento contribuiu para melhorar a qualidade do ensino.

Além disso, entre os alunos parecia haver receio de perseguição política, algo relatado por Maria de Lourdes Mollo: “Eu não discutia umas coisas com desenvoltura com os meus colegas pois eu não os conhecia, a gente tinha medo, havia estudantes profissionais para escutar e denunciar, era muito complicado. No CIEM não havia muito problema pois a gente cresceu junto, então, as discussões maiores que eu tive só aconteceram no mestrado, os alunos já eram mais maduros, já dava para discutir. Foi no mestrado que contei com a presença do professor do Lauro Campos, extremo conhecedor de Marx, que dava um curso da leitura de *O Capital*.”

Após a invasão da Universidade em 1968, a situação mudou um pouco tanto na Economia quanto em outros Departamentos. Houve a demissão de parte considerável do corpo docente. Nas palavras de Flávio Versiani, “o que houve foi uma refundação do Departamento com padrões acadêmicos mais elevados, a partir do início da década de 1970<sup>19</sup>. (...) Ele [Azevedo] queria mostrar serviço, transformar a UnB em uma boa universidade depois do processo traumático de demissão do corpo docente depois que houve a invasão. Ele então procurou várias pessoas.”

Em 1971-72, o processo de reestruturação do Departamento de Economia da UnB se iniciou.

---

<sup>19</sup> O processo de reestruturação do Departamento de Economia da UnB iniciou-se em 1970-1971.

Versiani ressalta o papel de Isaac Kerstenetzky no processo de escolha dos novos membros do Departamento de Economia. Edmar Bacha, um dos indicados por Kerstenetzky, relembra o momento: “Na época eu era professor da Escola de Pós-Graduação de Economia da Fundação Getúlio Vargas. Trabalhava metade do tempo na EPGE e metade do tempo no IBRE<sup>20</sup> com o Isaac Kerstenetzky, isso em 1971. (...) Azevedo veio conversar com Isaac para propor que ele refizesse o Departamento de Economia, que era uma coisa que já havia acontecido nas áreas de Sociologia e de Antropologia.”

Versiani, que chegou à UnB em meados de 1970-1971, continua, “foram indicados Conceição Tavares<sup>21</sup>, que não pôde aceitar, e o Edmar Bacha, meu colega de turma. Como ele ainda era ligado ao IPEA, demorou um pouco a sua vinda, eu acabei vindo antes dele<sup>22</sup>. Foi então iniciado o processo de reorganização do departamento.” A indicação de seu nome, segundo Bacha, não foi feita por Azevedo e sim por Kerstenetzky. Sua percepção de Azevedo era a “muito prático, naquela época, na linha dura. (...) Ele que mandava no pedaço, tinha muita liberdade de ação. Tinha recursos e tinha uma vontade de ter um projeto acadêmico sério e de dar plena liberdade”.

Muitos falam em carta branca para Edmar Bacha. Joaquim Andrade chega a comentar: “Esse negócio de carta branca é uma coisa que os economistas adoram. (...) O Edmar gostou muito da ideia de carta branca. (...) Apesar dessas quebras que tiveram na universidade, essa possibilidade de refazer, é uma coisa que atraía muito.”

Essa questão era percebida inclusive por pessoas que não eram da área. Em depoimento ao jornal *Correio Braziliense*, em janeiro de 2014, Marco Antônio Dias, da Faculdade de Comunicação da UnB e vice-reitor da UnB quando Azevedo tornou-se reitor, relata: “aconteceu um fenômeno muito interessante. Com o apoio de autoridades do governo, Caio [Benjamin Dias, reitor da UnB entre 1967 e 1971] havia tentado montar um esquema que a universidade reestabeleceria a

---

<sup>20</sup> Instituto Brasileiro de Economia, da Fundação Getúlio Vargas do Rio de Janeiro, que produz e divulga estatísticas e pesquisas econômicas.

<sup>21</sup> Sobre o convite à Maria da Conceição Tavares, Edmar Bacha contou: “Depois que eu já tinha ido lá, volta e meia ele [Azevedo] perguntava: E a Aparecida? Não vai vir? Aparecida era a Conceição. Ele sabia que era uma santa, mas não lembrava qual era.”

<sup>22</sup> Em 1970-71.

credibilidade acadêmica, ao trazer pessoas de alto nível de todo o mundo. E se fez um acordo tácito. Em princípio, se o professor tinha qualidade, era contratado. Isso só não ocorria em raros casos quando o SNI<sup>23</sup> dava um veto total<sup>24</sup>. O professor tinha liberdade de ação e pesquisas, mas quando ultrapassava certos limites era demitido. (...) Esse foi um período extremamente complexo, mas, inegavelmente, ocorreram coisas positivas. O curso de economia tinha no quadro de professores Edmar Bacha, Lauro Campos, Flavio Versiani, Teresa Ribeiro, Cristovam Buarque e Luis Paulo Rosemberg, todos de nível muito alto<sup>25</sup>. Ocorreram projetos importantes na economia, na medicina, na antropologia e na comunicação.”<sup>26</sup>

Esse apreço por excelência, entretanto, não tirava o peso da hierarquia militar da universidade, já que tudo era feito “de acordo com o que aquele coronel [na hierarquia] achava que era adequado”, segundo Joaquim Andrade. Ele também retrata “pouca relação possível entre professores e a reitoria” e continua: “critério era muito dele sobre o que era essa excelência. Claro, que se você tivesse *inside information*, se você tivesse essa porosidade tipo do Edmar, talvez do Flávio. Eles tinham um contato maior.”

O passado da UnB não era desconhecido dos novos integrantes de fora. Charles Mueller, que foi convidado em janeiro de 1972 pelo professor Ricardo Lima a integrar o Departamento, relata: “Eu conhecia alguma coisa de Brasília, tinha ouvido dos problemas políticos da universidade, invasão do campus.” Mas segundo Mueller, o nome de Bacha e a ideia de reforma fez com que, ainda assim, a universidade conseguisse atrair bons nomes.

José Carlos de Oliveira, professor da UnB, enfatiza a importância das conexões estabelecidas no Centro de Aperfeiçoamento de Economistas (CAE) da Fundação

---

<sup>23</sup> Serviço Nacional de Informações.

<sup>24</sup> Não só as contratações dependiam de autorização do SNI. Zanetti relata que havia um grande esforço de trazer novas pessoas e de melhorar a formação dos que já estavam aqui. Logo, muitos foram fazer doutorado fora. Entretanto, a liberação para fazer doutorado fora dependia de aprovação do SNI, o que poderia não ocorrer.

<sup>25</sup> Alguns desses professores, como Cristovam Buarque, somente entraram para o Departamento em meados da década de 1970.

<sup>26</sup> [http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2014/01/04/interna\\_diversao\\_arte,406267/livro-lembra-bastidores-do-periodo-em-que-a-unb-foi-conduzida-por-militares.shtml](http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2014/01/04/interna_diversao_arte,406267/livro-lembra-bastidores-do-periodo-em-que-a-unb-foi-conduzida-por-militares.shtml)

Getúlio Vargas do Rio de Janeiro para a formação do Departamento: “Edmar [foi] convidado a vir recriar e chefiar o Departamento de Economia. Coincidiu naquele momento que havia um grupo de economistas que ia saindo daqui, do Brasil principalmente para fazer a pós graduação nos EUA, mestrado, doutorado. A maior concentração de origem desse pessoal foi daqueles que estavam no CAE<sup>27</sup> que, depois se transformou na EPGE<sup>28</sup>, lá no Rio. Esse núcleo, na verdade, foi constituído [com financiamento], da USAID<sup>29</sup>, ponto IV e a ideia era possibilitar maior aprendizado e especialização em economia, a partir de uma revisão de matérias básicas de matemática, estatística, macro e micro-economia para aqueles que saíram da universidade. O objetivo era fazer uma seleção prévia, de um pequeno grupo de cerca de quinze economistas recém-formados em todo o Brasil, a cada ano, para que pudessem prosseguir nos estudos, fazendo mestrado e doutorado nos Estados Unidos. (...) Quando eu cursei o CAE no Rio de Janeiro, em 1964, o Flávio Versiani e o Edmar Bacha, que fizemos economia na UFMG, eram da minha turma (...) e, depois, seguimos para os EUA para nossa pós-graduação.”

Versiani continua: “Então esse foi o processo, eu tinha acabado de fazer o doutorado, fiquei uns tempos na UFMG enquanto fazia a minha tese, mas já tinha aceitado o convite do Edmar, e eu vim em 1971 junto com o Charles [Mueller], e depois vieram o Chico Lopes e o Dionísio Carneiro. Por outro lado havia o pessoal do departamento antigo, desde de 10 anos, e era um pessoal bastante variado (...), Mas havia professores muito respeitados, como, o Lauro Campos e a Helga Hoffmann, que se integraram ao novo grupo.”

Lauro Campos era especialista em marxismo e adorado pelos alunos. Bacha relembra: “O Campos estava seguro de que eu ia demiti-lo, primeira coisa que eu cheguei lá foi mantê-lo e fazer questão que ele desse um curso de economia marxista dentro do mestrado.” Ou seja, apesar da grande reestruturação, nem todos os professores antigos foram embora.<sup>30</sup>

---

<sup>27</sup> Centro de Aperfeiçoamento de Economistas.

<sup>28</sup> Escola de Pós-Graduação em Economia da Fundação Getúlio Vargas.

<sup>29</sup> *United States Agency for International Development.*

<sup>30</sup> Outros professores acabaram sendo dispensados por outros motivos. É o caso, por exemplo, da Professora Helga Hoffmann. Em seu currículo lattes consta que foi “dispensada em 1973 pelo

Alguns professores foram contratados em tempo parcial, como foi o caso de José Carlos Oliveira que relata: “Recebi o convite do Bacha para integrar o grupo do Departamento de Economia em 1971, quando, mesmo como economista do quadro permanente do BID – Banco Interamericano de Desenvolvimento, em Washington, tomei a decisão de regressar ao Brasil, após um convite para ingressar no IPEA. Aceitei vir para a UnB, mas sob a condição de ser tempo parcial, uma vez que queria também trabalhar no IPEA.”

O departamento que estava se montando era um departamento de bastante qualidade, com nomes que atraíam alunos, como descreve José Mauro de Moraes hoje pesquisador do IPEA e um dos primeiros alunos do Mestrado em Economia da UnB: “a presença do Flávio Versiani, que é um economista historiador, foi um fator importante pra mim. E a presença do Bacha também foi muito importante para essa decisão. Ou seja, foram nomes que estavam fundando o novo mestrado e que tiveram essa característica de atrair para o mestrado a atenção de alunos do Brasil inteiro.”

Carlito Zanetti, também professor do Departamento nessa época resalta o papel do mestrado para o estabelecimento de uma cultura de pesquisa na instituição: “O propósito já era não só reestruturar o departamento de economia que já vinha do processo, mas também criar o mestrado e o propósito também maior da época era o ensino, era mestrado e, em decorrência dessa mudança, nosso raciocínio era esse, nós estaríamos a desenvolver a pesquisa porque viriam pessoas com perfil para lecionar e para fazer pesquisa. A capacidade de pesquisa seria uma decorrência do esforço que a gente fez na montagem do mestrado.”

Versiani argumenta que a abundância de recursos ajudou-os a investir na qualidade dos docentes: “Foi um período de vacas gordas, e como estava voltando muita gente da pós-graduação no exterior, foi possível trazer muita gente, veio o Charles Muller, que tinha acabado de fazer doutorado, Dionísio

---

Memorando UnB 57/73 assinado pelo Vice-Reitor José Carlos de Almeida Azevedo "em decorrência do disposto no Ato Complementar no. 75 de 21/10/69, combinado com o Decreto sem número de 07/03/69, publicado em igual data à pág. 2004 do Diário Oficial da União". O Reitor argumentou na ocasião que, por haver sido demitida do ISEB pelo AI-5, não poderia ter sido contratada pela UnB, uma universidade federal.”

Carneiro, Chico Lopes. Fomos eu e o Charles fazer um tour pelas universidades dos Estados Unidos entrevistarmos algumas pessoas, o Joaquim estava lá em Harvard. Isso com dinheiro da Fundação Ford. Na época, dinheiro para programas de pós-graduação, como o que estava sendo montado, era relativamente fácil, havia flexibilidade de contrato. E também muito mais flexibilidade do que hoje nos pagamentos com recursos de órgãos como a CAPES: o chefe do Departamento podia preencher cheques diretamente e prestar contas depois. Nós tivemos grande apoio da fundação Ford na compra de livros e também para mandar gente para [períodos no exterior] fora, como foi o caso da Helga Hoffmann e Lauro Campos, entre outros”.

Essa abundância de recursos era característica do período, segundo Maria de Lourdes Mollo, e se refletia também nas oportunidades de emprego que os alunos tinham pela frente: “Havia um crescimento gigantesco e isso dava, abria algumas vantagens incríveis, as possibilidades de emprego aumentaram bastante principalmente quando você tinha qualificação. A gente escolhia onde trabalhar, basta dizer pra vocês que quando eu passei na Anpec eu passei também na prova do Bacen, e eu fui para o mestrado. Trabalhava na época no Ministério da Fazenda, como secretária. Eu recebi no mestrado os meus chefes e colegas mais velhos do ministério porque eles viram que eu tinha passado no concurso do Bacen e eles viram que eu não ia assumir o concurso, e foram para a minha sala tentar me convencer de trabalhar lá, mas o meu objetivo não era ir para lá, eu queria era dar aula. Eles não se conformaram. Eu só fiz isso porque eu sabia que eu ia ter emprego. Fiz o mestrado todo com a bolsa, praticamente todos os meus colegas fizeram com bolsa sem trabalhar também. Era tão pouco comum trabalhar e fazer mestrado junto, que haviam dois funcionários do Itamaraty que trabalhavam e faziam mestrado. Eram os únicos, e ficaram destacados.”

Além da qualidade, o curso também se destacava por ser um contraponto aos dois principais cursos da época, os da USP e da FGV-RJ, com uma formação tida mais heterodoxa e eclética, como relata Versiani: “A ideia era que o departamento tivesse uma composição eclética, de várias orientações metodológicas, e foi com esse espírito que a coisa foi feita. O Lauro Campos, por

exemplo, dava cursos sobre marxismo, coisa ousada naquele período, e as primeiras turmas de mestrado ficavam fascinadas.”

José Mauro de Moraes complementa: o mestrado da UnB tinha “uma discussão mais aberta dos termos de economia, uma concentração não muito intensa nas linhas de análise da economia tradicional. Ou seja, estava se encaminhando para um curso em que você teria a possibilidade de debates mais abertos na área de economia. (...) [Era] Eclético, talvez eclético, não tanto eclético como o de Campinas, talvez. Mas é mais aberto, com professores estrangeiros, com estudos que poderiam ser direcionados na área de história.”

Essa variedade é uma característica que o departamento mantém até os dias atuais, nas palavras de Versiani: “Havia um conjunto de professores com orientações bem variadas. O Edmar favorecia esse ecletismo, mesmo porque nunca foi – e especialmente naquela época – adepto de uma ortodoxia rígida, em teoria econômica. O Chico Lopes e o Dionísio eram, de certa forma, mais ortodoxos; por outro lado havia gente na área de História, como eu e a Teresa, em Economia Agrícola como o Charles Mueller, em Economia Regional, em História do Pensamento Econômico ... Era um grupo com focos diferentes de pesquisa. Um pouco mais tarde vieram o Joaquim, a Lourdinha [referência à professora Maria de Lourdes Mollo, até hoje professora do departamento de economia da UnB], o Lívio, com formações também diversificadas. Se formos comparar por exemplo com a FGV, lá era algo bem mais monolítico, em termos de análise econômica, enquanto aqui, não, sempre tivemos maior diversidade.”

Bacha também fala da busca pela excelência e o ecletismo do programa: “Tinha um pouco essa coisa de fazer a Cambridge do Planalto como era a minha propaganda do local – alguns entendiam que era a Cambridge dos Estados Unidos e outros que era a Cambridge da Inglaterra<sup>31</sup>.” Joaquim Andrade faz um comentário semelhante: “Dava a impressão que ele estava organizando um

---

<sup>31</sup> A Cambridge da Inglaterra refere-se à Universidade de Cambridge, onde lecionavam nomes mais heterodoxos como Joan Robinson e Piero Sraffa, enquanto a Cambridge dos Estados Unidos refere-se à cidade de Cambridge em Massachusetts no Estados Unidos, onde estão localizadas a Universidade de Harvard e o *Massachusetts Institute of Technology*, com nomes de linha um pouco mais ortodoxa à época, como Paul Samuelson e Robert Solow. Essa é uma referência à famosa controvérsia do capital de Cambridge em que a visão mais heterodoxa de economistas como Robinson e Sraffa foi contraposta à visão mais ortodoxa de Samuelson e Solow.

departamento aqui que seria a Harvard do Planalto. A ideia é que ele teria que vender bem o peixe.”

Bacha, entretanto, pondera que a questão heterodoxa não era uma questão teórica exatamente: “a minha intenção era fazer um mestrado que fosse menos ortodoxo. (...) Na verdade essa questão de ortodoxia é relativa pois o problema na verdade era ser contra a ditadura porque o daqui [no Rio de Janeiro] era comandado pelo Simonsen, e o de lá, de São Paulo era comandado pelo Delfim. Eram os dois grandes nomes da tecnocracia da ditadura de modo que Brasília era um pouco assim, vamos ter um mestrado que vai poder ser crítico à política econômica da ditadura. Não era que a metodologia necessariamente fosse heterodoxa. Mas no fundo os alunos queriam muito isso.”

Zanetti ainda coloca que a estrutura formal da universidade contribuía com essa visão mais aberta que as pessoas tinham do departamento: “Com sistema de crédito, [o aluno] poderia compor a formação dele, não ficando só dentro daquelas caixas, com a concepção bem compartimentalizada do conhecimento. Não se falava em heterodoxia e sim em ecleticismo, que o departamento era bem eclético.”

O primeiro curso de macroeconomia foi lecionado por Bacha e Versiani e era composto por três partes: macroeconomia marxista, macroeconomia keynesiana e macroeconomia monetarista. Maria de Lourdes Mollo relembra seus professores: “Eu tive bons professores. Ainda nos últimos anos da graduação, eu fiz estatística com o Dionísio Carneiro que depois foi para a PUC. O pessoal que veio pra Brasília foi depois pra PUC. Eu fiz econometria (graduação) com o Chico Lopes, fiz macro com o Bacha, tudo isso no mestrado. Micro com o Luis Paulo Rosenberg, eu fiz o curso do Lauro de EP/HPE, era a leitura do Capital, eu fiz o meu curso de estatística do mestrado era igual ao que eu fiz na graduação, era o Valter Gomes que deu e era um curso de Vanderbilt que o Dionísio tinha dado. Que mais que eu fiz? Matemática foi o pai do Rodriguinho, Jorge. Eu acho que foram esses, eu não me lembro de outras disciplinas, mas essas teóricas básicas eu lembro. Quem me orientou no Mestrado foi o Pedro Malan, que estava no Departamento como Professor Visitante.”

O curso de microeconomia era lecionado por Mueller, Dionísio Carneiro e Chico Lopes. “Eles eram todos muito jovens e deram um curso pesadíssimo. (...) E os alunos entraram em greve contra o curso de microeconomia”, segundo Bacha.

Versiani também lembra do episódio: “na época era impensável, por exemplo, um movimento de estudantes (Na primeira turma de mestrado, os alunos entraram de greve, porque um dos alunos tirou MI, em micro). Era um ambiente tão fechado na época, ninguém podia falar nada, não havia formas de expressão. Como a coisa estava tão abafada do lado de fora, os alunos decidiam protestar por qualquer coisa que acontecia. Mas a greve era secreta, ninguém podia saber. Os alunos iam para sua sala, ficavam na catacumba<sup>32</sup>, e não se pensava em ir na reitoria, porque senão rolaria expulsão, seria o caos. O mestrado tinha começado com tanta esperança, com seminário de gente de fora, a preocupação de que algo desse errado era grande. A coisa durou algumas semanas, mas ninguém podia saber de nada. Na época não se sabia muito bem o que fazer pra lidar com uma greve de alunos, naquele ambiente de repressão, e o processo não foi bem conduzido no seguinte sentido, o professor de micro era o Dionísio, ele ficou meio chateado, e o Chico Lopes também. Eles de alguma forma esperavam que o departamento fosse mais solidário, em vez de ficar meio paralisado diante de uma meninada que chorava por causa de um MI<sup>33</sup>.”

José Mauro de Moraes descreveu a greve do ponto de vista dos alunos: “era um boicote. Recusar a assistir aula. Isso aí durou alguns dias. O pessoal levou à frente isso aí. E o pessoal da direção do mestrado ficou muito nervoso e muito preocupado. Porque podia atrair a atenção até da imprensa, de, de repente falar “olha! Uma greve do mestrado de economia de Brasília” e isso poderia, realmente, repercutir muito mal com a direção da universidade e com os militares. Porque estava em Brasília, tão próximo!”

---

<sup>32</sup> A catacumba era o nome dado ao conjunto de salas dos estudantes de pós-graduação localizando no subsolo do ICC, uma vez que essas salas eram escondidas das demais dependências do departamento. Em 2013, o departamento mudou-se do ICC para o novo prédio da FACE, mas a catacumba ainda é usada pelos alunos de pós-graduação, ainda que o nome não seja tão difundido quanto no passado.

<sup>33</sup> A UnB utiliza um sistema de menções ao invés de um sistema de notas numéricas. Um MI representa uma média entre 3,0 e 4,9, logo a reprovação, já que é necessário atingir média 5,0 para passar.

Esse receio convivia com a vontade de aprender e discutir outras teorias e correntes, como mostra o relato de José Mauro de Moraes: “Existia uma pressão muito grande. Existia um receio permanente de como a ditadura, ou se a ditadura estava, de alguma forma, com algum representante em volta, olhando o curso de mestrado. Porque era uma época intensa da ditadura, de 1972 a 1973, era intensa. Então havia sempre esse medo, esse receio de que a ditadura pudesse ter um representante dela ali em volta olhando o curso de mestrado. Mas não houve interferência, inclusive um curso de leitura de Marx conduzido pelo professor Campos, ele conduziu durante os dois anos que nós fizemos, o curso de leitura d’O Capital.”

Versiani lembra ainda que isso poderia trazer problemas dada a situação política de alguns momentos: “o ecletismo da composição do Departamento poderia ter trazido problemas; a convivência de pessoas com ideias diferentes não é sempre fácil. Visões metodológicas distintas costumam coincidir com posições políticas divergentes, o que pode gerar conflitos. Uma das maiores realizações do departamento foi ter passado esse período todo sem maiores fricções dessa natureza. O que não aconteceu por acaso: é que houve algumas pessoas que, ocupando posições de chefia, contribuíram, de forma decisiva, especialmente em certos períodos mais críticos, para manter um equilíbrio interno no Departamento. Uma delas foi o Charles Muller.”

Apesar desses momentos, o Professor Charles Mueller descreve o ambiente como bastante descontraído: “foi uma fase bastante tranquila para quem estava coordenando esse processo, porque os conflitos que tinham surgido no passado já tinham sido eliminados (...) Entrou esse grupo novo, parecia muito unido no início. Eu me lembro que era quase obrigatório jogar futebol sábado de manhã. Era uma época em que todos estavam presentes dentro do departamento.”

A característica eclética mencionada repetidamente é algo que o Departamento levou consigo em sua evolução. A Professora Maria de Lourdes Mollo pondera como esse ecletismo relacionou-se com o nível do Departamento: “Era um departamento muito bem montado, com uma pluralidade de interesses grande e

peças que fizeram um bom perfil coletivo, tanto que o curso de graduação sempre foi avaliado na ponta e o curso de mestrado era bem avaliado.”

Anos mais tarde, somente na década de 1990, o Departamento montou seu curso de Doutorado. Mas, desde suas origens, se firmou como um centro de excelência em Brasília formando quadros que se tornaram Professores, membros do Governo e de grandes instituições pelo mundo.

Essa fase inicial do Departamento terminou quando Edmar Bacha e outros deixaram o Departamento. Charles Mueller se refere a eles como “os cariocas”. Segundo ele, “os cariocas não se deram bem aqui. (...) Era problema de ‘minha mulher não suporta Brasília’, aquelas coisas. Brasília naquele tempo era bem mais provinciana, hoje nem se compara com o que era naquele tempo.” Ainda de acordo com Mueller, a criação do Departamento de Economia da PUC-Rio “serviu para atrair os cariocas” para aquele departamento. “A maioria deles ficou lá, Dionísio morreu professor lá até, enfim, houve um esvaziamento”. Ou seja, da Fundação, para a UnB, até a PUC-RJ.

## **6. Comentários Finais:**

O objetivo desse artigo foi, por meio de entrevistas com Professores e Alunos do Departamento de Economia da Universidade de Brasília no seu período de reestruturação na década de 1970, registrar a memória dos envolvidos e a história dessa instituição.

A História que nos foi contada é excelência acadêmica permeada por dificuldades políticas, mas que ainda assim resultou em um grande ecletismo.

## **Referências Bibliográficas:**

- FGV, “Escola de Pós Graduação em Economia da Fundação Getúlio Vargas – EPGE/FGV (1961-1999), Vol 1, Mimeografado, 2000.
- Garófalo, G. e Rizzieri. J. “O Departamento de Economia da FEA/USP e o Pensamento Econômico Brasileiro”, In: Coelho, F. S. and Szmrecsányi, T., *Ensaio*

*de História do Pensamento Econômico no Brasil Contemporâneo*, São Paulo: Editora Atlas, 2007.

- Gudin, Eugênio. "A Formação do Economista", *Revista Brasileira de Economia*, 10, no. 1, pp. 53-70, 1956.
- Haddad, P. R., "Brazil: Economists in a Bureaucratic-Authoritarian System", In: Coats, A. W. (ed.), *Economists in Government: An International Comparative Study*, Durham: Duke University Press, 1981.
- Loureiro, M. R. (org.), *50 Anos de Ciência Econômica no Brasil: Pensamento, Instituições, Depoimentos*, Editora Vozes, 1997.
- Loureiro, M. R., e Lima, G. T. "A Internacionalização da Ciência Econômica no Brasil." *Revista de Economia Política* vol 14, no 3, pp. 31-50, jul-set, 1994.
- Simonsen, Mário Henrique. "O ensino de economia em nível de pós-graduação no Brasil." *Revista Brasileira de Economia* 20, no. 4, pp. 19-30, 1966.